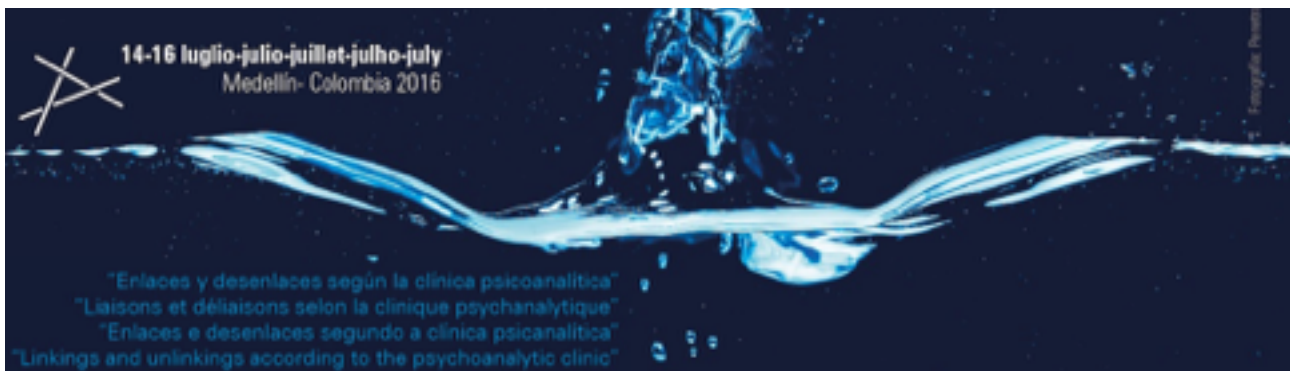


Medellín 2016 - RVI - Prelúdio - Devra Simiu



A CLÍNICA DO CASAL SEXUADO

“Apenas registramos para denotar aí o salto da operação freudiana.

Ela se distingue por articular às claras o status do sintoma como o seu, pois constitui a operação característica do sintoma em seus dois sentidos”

(Jacques Lacan, “Do sujeito enfim em questão “ (1)).

Quando nos encontrarmos em Medellín, em julho de 2016, para o IX Encontro da Internacional dos Fóruns, seremos convidados a explorar vários tópicos, entre os quais, a clínica do casal sexuado. Como é que nós, analistas orientados pelo ensino de Lacan, compreendemos esta clínica?

Decidi que seria importante tentar esclarecer esta questão. Por que? Porque aqui, nos Estados Unidos, para a grande maioria dos clínicos – inclusive para os psicanalistas – a clínica do casal sexuado seria compreendida como a terapia de casal, os dois que comparecem à uma sessão, perante um terceiro, que trabalha muito para treiná-los nas “técnicas da comunicação”, e lhes oferece explicações da neurociência e da teoria do apego, sobre o porquê de cada um deles reagir ao outro do jeito que faz. Uma clínica que postula uma adequação natural e harmoniosa entre o objeto parcial da pulsão e o objeto do amor, e sustenta isto como um objetivo.

Numa prática muito difundida da “terapia de casais”, frequentemente o praticante clínico e seu ou sua parceira, também um clínico, representam uma “relação modelo”, e encorajam abertamente os pacientes a se identificarem com eles. O discurso e as imagens da cultura dominante suportam e promovem a ideia: a harmonia perfeita é possível, e você pode obtê-la. Nenhum impasse aqui, nenhum sujeito em questão.

A clínica lacaniana do casal sexuado é outra coisa. Talvez possamos nos aproximar dela retornando aos... soluços... ou mais precisamente, aos soluços mais famosos da história. São os soluços de Aristofanes, assinalados para a posteridade por Platão, e sublinhados para Lacan por Kojève, como a própria chave para a compreensão do **Banquete**, o diálogo que Lacan escolheu para estudar em seu seminário de 1960/61, sobre as questões do amor, do desejo e da natureza da transferência.

Lacan nos narra uma conversa com Kojève, num domingo, e seu desejo de falar com este eminente filósofo sobre Platão, e especialmente sobre o **Banquete**. Na hora da despedida, sem que aparentemente Lacan tivesse obtido o que procurava, Kojève de súbito ofereceu: “Seja como for, você nunca interpretará o **Banquete**, se não souber porque Aristofanes estava com soluços” (2).

Uma chave, na verdade, uma abertura... E Lacan conclui: “... Se Aristofanes está com soluços é porque durante todo o discurso de Pausanias ele morreu de rir – e Platão não fez por menos” (3).

Soluços: a resposta de Aristofanes ao ridículo da ode ao amor de Pausanias. Os soluços de Aristofanes: uma irrupção que perturba o fluxo da união, uma espécie de prelúdio átonas ao discurso do próprio Aristofanes, no qual Lacan, lendo Platão contra a tradição, irá detectar algo “dessa *spaltung*, desse *splitting*, que mesmo não sendo idêntico ao que desenvolvo para vocês no gráfico [Grafo do desejo], certamente não deixa de com ele apresentar algum parentesco”(4). Em outras palavras, o que Lacan descobriu foi que Platão, através de Aristofanes, estava transmitindo o conhecimento do impasse no campo do amor e do gozo.

No contexto dos autores da Antiguidade, vale observar as palavras de outro escritor, o autor do **Gênesis 2:18** (5). Chamado de “o Yaveista” (6), pelos estudiosos bíblicos, que supõem que ele tenha estado em atividade por volta de 950 a.C., este autor faz uso de uma mera preposição para evocar o impasse. Traduzindo literalmente, Lemos no texto hebreu: “Deus disse: Não é bom que o homem esteja só. Farei um ajudante **contra** ele”. Muitos tradutores, em várias línguas, esbarraram aí, preferindo dizer “frente a ele” (delante de) ou “correspondendo a ele”. Mas, mantendo a tradição rabínica, André Chouraqui, na sua vívida tradução para o francês de ambos, o velho e o novo Testamento, preservou o significado original: « contre lui » (contra ele) , e acrescentou numa nota : « proximité et opposition » (proximidade e oposição) (7). Dois corpos e uma hiancia, uma maneira de dizer aquilo em que Lacan insistia: não há relação sexual!

Entretanto algo – invisível – mantém os dois corpos juntos, como aponta Colette Soler. Ela diz que Lacan chama isto de “o último sintoma” (le symptôme dernier), enquanto que ela prefere chamá-lo de “ fundamental “. E acrescenta que isto não é para ser tomado como um alvo do tratamento, e seguramente menos ainda, como uma “solução” para a hiancia irremediável (8). Este é o nosso papel também, quando escutamos nossos pacientes, que nos falam de seus problemas no amor.

Nossos pacientes nos falam um a um, como falavam com Freud. Um a um, necessariamente, porque o sintoma é sempre singular, e sempre aponta o real da não relação sexual.

Devra Simiu Dezembro 8, 2015. Washington, D.C.

Traduzido por Maria Anita Carneiro Ribeiro

NOTAS

1. Lacan, Jacques, ESCRITOS, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1998.
2. -----, O SEMINÁRIO, livro 8, A TRANSFERÊNCIA, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992, p.67.
3. Ibid, p. 68.

4. Ibid, p. 69.
5. Agradeço ao Dr. E. Havia por chamar a minha atenção para este ponto (nota da autora).
6. O Yahvista seria o autor dos primeiros livros da Bíblia, em que Deus é chamado de Yave e não de Eloim. Autor suposto do Pentateuco.
7. LA BIBLE, traduzida é apresentado por André Chouraqui (Paris: Desclee de Brouwer, 1989)
8. Soler, Colette « Qu'est-ce que fait lien ? » (Paris, Éditions du Champ lacanien 2012. P 71).